

Um estudo sobre criação de palavras na língua terena (Arawak)

A study on creating words in the Terena language (Arawak)

Rogério Vicente Ferreira¹

Caroline Pereira de Oliveira²

Resumo: A análise e descrição de uma ínfima parte do léxico da língua terena (família Arawak), especificamente a criação lexical, ou seja, os neologismos, deu-se primeiramente a partir das ocorrências vistas durante as disciplinas Línguas Indígenas I, II e III, momento em que foi abordado questões relacionadas à fonologia e morfologia das línguas maternas dos acadêmicos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (UFMS). Durante o curso, notou-se uma gama de palavras novas que nos levou a uma reflexão sobre a produção lexical. Vale ressaltar que a língua terena é falada pelos habitantes de uma área indígena bastante ampla no Mato Grosso do Sul, mas nos concentraremos na região Aquidauana. Após a coleta de dados e uma primeira análise, focamos nos neologismos por meio de empréstimos, sendo estes tanto do português quanto de língua inglesa. Nestes empréstimos observamos questões relacionadas a adaptação ao sistema fonológico da língua alvo, como também a adaptação morfológica, que segundo Alves (1991, p. 14) “os neologismos sintáticos supõem a combinatória de elementos já existentes no sistema linguístico. Com isso, observou-se, até o momento, que a criação lexical em terena é algo produtivo e que reforça que neste grupo de falantes a língua está em vigor. Reanult-Lescure (2000, p. 105) coloca que “os empréstimos linguísticos correspondem de perto às práticas sociolinguísticas”. A autora afirma que isso revela as atitudes sociais destes povos, como foi para o povo kali’na (Arawak), e que também podemos dizer que ocorre com o povo terena.

Palavras-chave: língua terena; neologismo; lexicografia.

Abstract: The analysis and description of a tiny part of the Terena language lexicon (Arawak family), specifically the lexical creation, that is, the neologisms, took place primarily from the occurrences seen during the Indigenous Languages I, II and III disciplines, moment in which issues related to the phonology and morphology of the mother tongues of the students of the course of Indigenous Intercultural Degree (UFMS) were addressed. During the course, we noticed a range of new words that led us to a reflection on lexical production. It is noteworthy that the Terena language is spoken by the inhabitants of a fairly large indigenous area in Mato Grosso do Sul, but we will focus on the Aquidauana region. After data collection and a first analysis, we focus on neologisms through loans, both Portuguese and English. In these loans we observe issues related to the adaptation to the phonological system of the target language, as well as the morphological adaptation, which according to Alves (1991, p. 14) “the syntactic neologisms assume the combinatory of elements already existing in the linguistic system. Thus, it has been observed, so far, that Terena lexical creation is productive and reinforces that in this group of speakers the

¹ Professor Associado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Letras e Licenciatura Intercultural, Campus de Aquidauana. Contato: rogerio.v.ferreira@ufms.br.

² Professora Assistente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Letras, Campus de Aquidauana. Contato: caroline.p.oliveira@ufms.br.

language is in force. Renault-Lescure (2000, p. 105) states that 'language lending closely corresponds to sociolinguistic practices'. The author states that this reveals the social attitudes of these peoples, as it was for the Kali'na (Arawak) people, and that we can also say that it occurs with the Terena people.

Keywords: terena language; neologism; lexicography.

Introdução

Tomando a necessidade de escolhas epistemológicas como pressuposto básico para o estudo científico de qualquer matéria, objeto, partimos do princípio de que as línguas indígenas, como qualquer língua natural, são estudadas em diferentes perspectivas teóricas.

Os estudos sobre línguas indígenas são parte do compromisso brasileiro com a ciência da linguagem, sejam esses estudos realizados à luz de abordagens teóricas gerativas, tipológicas, funcionais, linguístico-antropológicas, e contempladas as diferentes especialidades de estudos linguísticos – sociolinguísticos, estudos discursivos, estudos gramaticais em suas diferentes fases, dentre outros. Assim, é notório que os estudos de línguas indígenas brasileiras se tomem como algo de grande importância, particularmente devido a sua grande diversidade genética e tipológica, consoante aos povos autóctones que as falam, uma vez que a maior parte das teorias em linguística tem sido construída ou elaborada ao largo dessas línguas. Com isso, os estudos lexicais vêm ao encontro de novas perspectivas que possam colaborar para o melhor conhecimento científico linguísticos que envolve as línguas indígenas brasileiras.

Sabe-se que, segundo Rodrigues (2005, p. 35) "(...) <que a > estimativa, teria sido de cerca de 1,2 mil o número de diferentes línguas faladas em nosso atual território pelos povos indígenas". Atualmente, segundo o autor, no Brasil 181 línguas indígenas são faladas. Quanto à classificação científica das línguas, ela é de natureza genética e dentro dessa classificação encontra-se o povo terena, que pertence a família linguística Arawak e possui características culturais essencialmente Chaquenhas (povos provenientes da região de Chaco). Segundo Felix, ancião, morador da Aldeia Cachoeirinha (município de Miranda-MS) o povo terena veio do Ênxiva (região compreendida entre a margem do Rio Paraguai). Diante de situações de ataques pela guerra do Paraguai, este povo Echiwa migrou para o território brasileiro após ter atravessado o rio Paraguai e estabeleceu-se e

formou aldeias na região de Mato Grosso do Sul. No início os povos oriundos do chaco paraguaio eram os Terena, Guaná, Kinikinau, Layana entre outros, mas que devido ao contato atualmente encontram-se apenas os terena e os kinikinau.

Habitam o estado de Mato Grosso do Sul aproximadamente 67.433 mil índios, distribuídos em oito etnias atikum (família Kariri); guarani-nhandeva e guarani-kaiuá (Troco Tupi); guató e ofayé (Tronco Macro-Jê); kadiweu (família Guaicuru); kinikinau e terena (família Arawak) e estes povos possuem línguas e costumes diferentes. Quanto à situação sociolinguística, o atikum é monolíngue em português, pois sua língua foi extinta, contudo os demais povos do Mato Grosso dos Sul são bilíngues e multilíngues, pois além de falarem o português, alguns também falam o espanhol, devido a região de fronteira com o Paraguai e Bolívia.

De acordo com Barbosa (1981), há vários momentos importantes na criação neológica:

a) o estante empréstimo de sua criação b) o momento pós-criação que se refere a recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como a sua inserção no vocabulário e no léxico de um tipo linguístico cultural. Distinguem-se dois tipos de neologismos: 1- o neologismo conceptual (semânticas) e 2- o neologismo formal. (BARBOSA, 1981, p. 25)

A partir das colocações de Barbosa, esta pesquisa procurou desenvolver uma breve reflexão sobre os empréstimos tanto de língua terena quanto os da língua portuguesa, palavras estas que o povo decidiu incorporar ao conjunto lexical terena.

Este trabalho faz uma breve reflexão sobre o empréstimo do português e do inglês na língua terena no uso dos termos da tecnologia, isso acontece devido a situação de multilinguismo que ocorre entre os indígenas. As criações neológicas são na maioria das vezes comparadas palavras já existentes, enriquecem o léxico com informações e conceitos novos surgindo da necessidade de o falante nomear novos objetos, fatos e a expressão da atividade e a capacidade linguística do ser humano.

Segundo Carvalho (2012), os neologismos já foram considerados como um fenômeno apenas retórico e gramatical, passou então a ser estudado como subversão, reconhecimentos e transgressões das normas, “criar palavras novas supõe um domínio da língua suficiente para poder enriquecer estruturas existentes” (2012, p. 12-13).

Observa-se entre os falantes terena que há muitas palavras novas, principalmente as de empréstimo, forma esta de poder designar nomes às coisas

estrangeiras àquela cultura. Estas incorporações lexicais estão muito presentes no dia a dia do povo.

O povo Terena

Os Terena formam um subgrupo remanescente da nação Guaná no Brasil. Esse povo, através de sucessivas levadas migratórias, que se intensificaram em meados do século XVIII, cruzou o Rio Paraguai em direção ao atual Estado de Mato Grosso do Sul, provenientes do Chaco Paraguai/Boliviano, região mítica, que na história oral Terena é chamada de Ênxiva. Faziam também parte destes Guaná os Layana, Kinikinaua e Exoaladi, hoje todos reconhecidos sob a identidade genérica de Terena.

Dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2012) apontam que os Terena perfazem hoje uma população aproximada de dezesseis mil pessoas, vivendo nas reservas indígenas localizadas no Mato Grosso do Sul nos municípios de Campo Grande, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Miranda. Há famílias Terena vivendo na reserva dos índios Kadiwéu, no município de Porto Murtinho, e na dos Guarani-Kaiowá, no município de Dourados. No estado de São Paulo outras famílias Terena vivem junto aos Kaingang na reserva Aribá, na região de Bauru.

Os Terena que vivem nas reservas indígenas tiram sua subsistência da agricultura, principalmente de mandioca e feijão, emprego de mão de obra nas destilarias de álcool de cana de açúcar, do trabalho temporário em fazendas, do trabalho doméstico, do artesanato (cerâmica e cestaria) e de venda de produtos nas ruas, mercados municipais e feiras das cidades.

Os Terena, atualmente, são estritamente bilíngues - entendendo por isso uma realidade social em que a distinção entre uma língua materna (por suposto, indígena) e uma língua “de contato” ou “de adoção” (o português, no caso) não tem sentido sociológico (ISA, 2012). A língua ‘materna’ para os Terena não tem importância socializadora, no sentido de integrar o indivíduo em um mundo próprio, conceitualmente diferente do ‘mundo dos brancos’. Podemos afirmar que seu uso está ligado a uma socialidade afetiva. Em outras palavras, a língua terena não é usada nestas sociedades enquanto sinal diacrítico para afirmar sua diferença frente aos não-indígenas. De acordo com Ladeira

(2001), os Terena têm orgulho de dominarem, inclusive por meio do uso da língua do *purutuya*³, a situação de contato com a sociedade nacional, e é este domínio que lhes permite continuar existindo enquanto um povo política e administrativamente autônomo.

Língua terena

A língua terena é falada pela maioria das pessoas que se reconhecem, hoje, como Terena. Mas o seu uso e frequência é desigual nas várias aldeias e terras indígenas. Por exemplo, em Dois Irmãos do Buriti e Nioaque são pouquíssimas pessoas que a utilizam. Em outras como Cachoerinha em Miranda, a língua é falada por quase toda a comunidade.

Pesquisas apontam que há um longo caminho a ser percorrido em direção a um conhecimento mais amplo das línguas indígenas no Brasil. Do total de cerca de 180 línguas, um levantamento de 1995 constatou que pouco mais de 30 delas têm uma documentação ou descrição satisfatória (algo como uma gramática de referência com textos e, possivelmente, um léxico), 114 tendo algum tipo de descrição sobre aspectos da fonologia e/ou da sintaxe, o restante continuando no limbo do desconhecido (Franchetto, 2000).

De acordo com Seki (2000), desde os anos iniciais de colonização portuguesa no Brasil, os estudos acerca de línguas indígenas tinham, a princípio, o objetivo de facilitar a comunicação com as populações que aqui residiam. Os trabalhos tendiam para a lista de palavras, quando muito alguns levantamentos/descrições de aspectos gramaticais e, raramente, transcrições.

Nos últimos anos avançou-se no conhecimento das línguas indígenas, mas, mesmo assim, ainda é necessário continuar aprofundando esses estudos. Faltam, por exemplo, descrições abrangentes sobre a gramática da maioria das línguas. Essa realidade aplica-se também à língua terena, língua que conta com estudos prévios realizados pelos membros do SIL - *Summer Institute of Linguistics* - e algumas dissertações defendidas ultimamente, mas que não abordam em seu conjunto a língua em termos de sua fonologia, morfologia e sintaxe, por exemplo.

³ *Purutuya* em língua terena significa não-índio, homem branco.

Metodologia

A pesquisa incluiu levantamento e leitura de uma bibliografia específica sobre criação lexical (BARBOSA, 1981; ALVES, 1990, 2007; CARVALHO, 2009, PILLA, 2002 e CORREIA e ALMEIDA, 2012) e sobre a língua terena (EKDAHL e BUTLER, 1979). A classificação das tipologias teve como orientação a proposta de Alves (1999), uma vez que a consideramos como a que mais possibilita o desenvolvimento de nossas análises sobre os neologismos encontrados na língua.

Quanto a metodologia de pesquisa de campo, esta se insere na descrição de línguas naturais, que possui como base os pressupostos de coleta e análise de dados. As entrevistas com colaboradores basearam-se em algumas orientações encontradas em autores como Kibrik (1979) e Bownern (2008) e Sakel e Everett (2012). A partir destes autores, pode-se preparar os questionários tendo em vista as hipóteses sobre quais objetos advindos da cultura do não índio poderiam estar presentes na realidade terena.

Os dados foram coletados com alunos da E.E.I. Cacique Timóteo, localizado na aldeia Cachoeirinha e usamos a sala de novas tecnologias da escola como recurso.

Resultado e discussão

O termo empréstimo aqui referido segue o conceito de incorporação linguística de uma língua estrangeira a uma língua materna, no caso deste estudo, a língua terena torna-se a língua receptora e os itens analisados são oriundos das línguas portuguesa e inglesa. Solange (2007, p. 258) aponta que em “um processo de adoção e ou adaptação, normalmente os primeiros elementos estrangeiros que entram como empréstimos são as palavras”.

Da mesma forma como ocorrem em muitas outras línguas, os empréstimos são uma resposta linguística de um povo ao novo. Com isso, ou o povo procura elaborar um item lexical totalmente novo, ou adaptam via incorporação um item estrangeiro. Renault-Lescure (2000, p. 87) aponta que esses “signos formam um novo léxico, um corpus linguístico “moderno” no qual a nossa análise procura evidenciar o trabalho de uma lógica cultural específica e perante a história do contato.”

Como ocorre na língua kali'na (Arawak) pesquisada por Reunat-Lescure, os terena apresentam uma grande produtividade no uso dos empréstimos linguísticos.

Para entender a adaptação fonológica/ortográfica

No que tange a fonologia da língua terena, ainda há muito a ser investigado, contudo apresentar-se-á a seguir as análises realizadas por Bendor-Samuel (1961), Silva (2009) e Martins (2009).

No trabalho de Silva (2009), a autora afirma que utiliza o quadro de fones de Bendor-Samuel (1961), mas seus quadros apresentam diferenças em relação aos apresentados pelo autor citado. Contudo, a autora não explica o que motivou tal mudança, que vai desde o uso do IPA ao invés da representação fonética de Pike, até a realocação dos fones no quadro fonético. Já Martins (2009) apresenta os quadros consonantais e vocálicos mais completos, como pode ser visto mais abaixo, em seu quadro de consoantes a grande diferença está nas consoantes pré-nasalizadas e na lateral palatalizada, já no quadro de vogais ele insere todas as variações entre longas e breves, nasais e orais, com isso nos dá um quadro amplo e completo, diferente daqueles apresentados por outros autores. Apesar de termos estas três análises fonêmicas da língua terena, ainda consideramos necessário uma revisão nos trabalhos e confirmação em campo, pois no caso de Martins, acreditamos que seus fones pré-nasalizados são resultados de um processo morfofonológico, pois em vários outros trabalhos a realização da pré-nasalização somente ocorre quando há a o traço nasal da primeira pessoa. Também o alongamento das vogais nos parece ser, segundo Bendor-Samuel (1961, p. 37-41), influenciado pelo acento. Com isso, há muito a ser investigado no que tange a fonologia dessa língua, principalmente no que se refere às questões suprasegmentais.

Quadro 1. Quadro consonantal e vocálico segundo Bendor-Samuel (1961)

Consoantes	lábio-dental	alveolar	palato-alveolar	velar	Glottal
stops	p	t		k	ʔ
fricatives		s h	ʃ hy		
laterals		l r			
nasals	m	n			
semi-vowels	v		y		

Vowels	Front	Central	Back
close	i		u
half-close	e		o
open		a	

Fonte: Bendor-Samuel (1961, p. 13).

Quadro 2. Quadro consonantal e vocálico segundo Silva (2009)

Consoantes	Bilabial	labiodental	alveolar	pós-alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p		t			k	ʔ
fricatives			s	ʃ			h hy
nasal	m		n				
lateral			l				
tepe			r				
aproximante	w				j		

	Anterior	Central	Posterior
fechado	i		u
meio fechada	e		o
aberta		a	

Fonte: Silva (2009, p. 44).

Quadro 3. Quadro consonantal e vocálico segundo Martins (2009)

Consoantes	Bilabial	labiodental	alveolar	palatal	velar	glotal
oclusiva	p		t		k	ʔ
fricativas		v	s	ʃ		h fí
africada				tʃ		
nasal	m		n	[ɲ]		
pré-nasalizada	^m b			^ɲ dʒ ^ɲ z	^ŋ g	
lateral			l	ʎ		
tepe			r			
aproximante	w			j		

	Anterior				Central				Posterior			
	Arredonda da		Não-arred.		Arredonda da		Não-arred.		Arredonda da		Não-arred.	
	oral		nasal		oral		nasal		oral		nasal	
	brev e	long a	brev e	long a	brev e	long a	brev e	long a	brev e	long a	brev e	long a
alto	i	î:	ĩ	--	--	--	--	--	u	û:	ũ	ũ:
médio	e	ê:	ẽ	ẽ:	ɨ	î:	--	--	[ô:	õ	õ:
médio-baixo	ɛ	ê:	--	--	--	--	--	--	ɔ	ô:	--	--
baixo	--	--	--	--	a	â:	ã	ã:	--	--	--	--

Fonte: Martins (2009, p. 20).

Quanto à forma ortográfica, os Terena continuam utilizando o sistema proposto desde a década de 1960 por Harden, Bendor-Samuel, Ekdhal e Grimes, a saber: <p>, , <t>, <d>, <k>, <g>, [ʔ] <'> (glotal), <s>, <z>, [ʃ ʒ] <x>, [ʝ ʒ] <j>, [h] <h>, [hy] ⁴<hh>, <m>, <n>, <v>, [r] ~ [l] <l>, <y>; as vogais são: <i>, <e>, <a>, <o>, <u>. Para a representação suprasegmental empregam-se os seguintes diacríticos:

o acento agudo (*) "significa que a sílaba é mais reforçada. Mas em vez da vogal ser prolongada, é o som após a vogal acentuada que é prolongada. Já o circunflexo (^) significa que a sílaba é mais reforçada, e que a vogal da sílaba é prolongada e pronunciada em tom decrescente" (EKDAHL; BUTLER, 1979, p. 17).

⁴ Este fonema representa, segundo Bendor-Samuel (1961), a fricativa palato-alveolar palatalizada.

Empréstimos na língua terena

A seguir apresentamos alguns dados levantados nesta pesquisa. Tais dados são uma amostra da riqueza e dinamicidade que é o contato linguístico. Os empréstimos aqui apresentados são aqueles já utilizados como empréstimos na língua portuguesa e que consequentemente os falantes terena passaram a utilizar no seu dia a dia, principalmente os alunos das escolas indígenas. Devido ao fato de o contato linguístico ser algo intenso nesse grupo e por estarem imersos no mundo acadêmico, além do contato tecnológico quer seja via celulares, *tablets* e computadores, muitos itens já emprestados na língua portuguesa passaram a ser também emprestados na língua terena.

Estes empréstimos são fonologicamente integrados à língua terena. Essa integração estende-se no tempo e segue processos regulares que podem ser resumidos da seguinte forma:

- A língua troca o fone/fonema desconhecido por um de seu sistema fonético/fonológico, seguindo mecanismos de seleção de modos e de pontos de articulação. Por exemplo, não há na língua o fone [b], para que esse fone seja inserido a língua terena, utilizam da mudança morfofonológica do [p] para [ᵐb], isso só ocorre quando há marcação de primeira pessoa que é realizada por traço nasal que ao pousar em uma obstruinte além de sonorizá-la também a pré-nasaliza. Diante disso, para uma palavra como *notebook* que esperaria dentro do sistema o seguinte: [n□t□i□buki], contudo o que ocorre é: notimbukina [not□i□ᵐbukina], ou seja: [p] → [ᵐb];

- Quando aparecem formas consonânticas impróprias ao terena, a língua reestrutura a forma silábica e quando há um grupo consonântico insere-se uma vogal. Dessa forma encontramos algo do tipo para *pen drive* > perendaravina [pe□eᵐda□ai□wina], observa-se que para a palavra ter o [d] utilizou-se da forma morfonêmica [ᵐd] que é a forma vozeada de [t], além disso houve a inserção de uma vogal no encontro consonantal [d□], por fim a adaptação da fricativa labiodental sonora [v] pela semivogal [w], que faz parte do sistema consonântico.

Morfossintaxe

Na integração morfossintática dos empréstimos temos as marcas de alineabilidade nos nomes e as marcas verbais nos verbos.

-Nomes

Os nomes em terena, segundo Gardênia (2012, p. 62) são encontrados em “duas classes principais [...]. Na primeira classe, há os nomes não possuíveis. Já os nomes possuíveis, podem ser subclassificados em itens que denotam posse não-específica, alienáveis ou inalienáveis.” Sendo assim, os itens novos ao se incorporarem à língua terena serão classificados segundo estas classes.

Os itens que são considerados inalienáveis a marcação é feita pelo sufixo {-ti}, segundo Gardênia (2012) a especificidade da posse é marcada no nome, como por exemplo: owoku-**ti** ‘casa de alguém’ ou ipovo-ti ‘roupa de alguém’.

Notamos que alguns itens emprestados foram classificados como inalienáveis {-ti}, como é o caso para das palavras batom e esmalte, como observa-se a seguir:

- 1) batom - mbatauti
- 2) esmalte - isimati

Os itens que foram incorporados, mas que foram classificados como alienáveis, ou seja, marca de posse específica, foram sufixados pelo {-na}, como observa-se a seguir:

- 3) mouse - mauzena
- 4) laptop - lepitopina
- 5) Notebook - notimbukina
- 6) pen drive - perendaraivina
- 7) mensagem - messageina
- 8) computador - computaduna
- 9) email - imeyona

Sufixado aos nomes podemos encontrar o morfema {-ke} ‘marca de locativo’. Nota-se que os itens lexicais terminados em consoantes, a língua insere a vogal anterior alta [i], fazendo com que o padrão silábico CV se mantenha.

- 10) word - word[i]ke
- 11) internet - internet[i]ke
- 12) windows - windouke
- 13) facebook - feisinbuk[i]ke
- 14) chat - xat[i]ke
- 15) lan house - lahaus[i]ke

- Verbos

Os itens verbais emprestados tanto do inglês quanto do português ao serem emprestados à língua terena são sempre sufixados por {-xo} 'verbalizador'.

- 16) delete = deletaxoa
deleta-xo-a-ti
apagar-CL/VBLZDOR-?-DESCRITIVO-IRR.⁵
'apagará'
- 17) ligar = ligaxotimo
liga-xo-ti-mo
ligar- CL/VBLZDOR-?-DESCRITIVO-IRR.
'ligará'

Considerações finais

A pesquisa revelou-nos questões importantes sobre a manutenção linguística dos falantes terena, apesar do tempo de contato que remonta desde o séc. XVII, a língua ainda é viva e eficiente no que se refere às mudanças linguísticas. Com isso, os empréstimos linguísticos correspondem de perto às práticas sociolinguísticas. Da mesma forma que se pode verificar em muitas outras línguas, como é o caso da língua kali'na, estudada por Renault-Lescure (2002), os empréstimos revelam as atitudes sociais desse povo em relação às diversas populações em contato e as mudanças que esses contatos produzem. As colocações de Renault-Lescure (2002) para a realidade kali'na podem ser aplicadas ao

⁵ CL: classificador, VBLZDOR: verbalizador, ?: morfologia desconhecida, IRR: irrealis.

terena, a autora diz o seguinte: “apropriar-se de estruturas criadas pelos brancos é uma estratégia não apenas linguística, como também política, administrativa e econômica” (RENAULT-LESCURE, 2002:105). Isso vem ao encontro da situação em que se encontra este povo na atualidade, uma vez que eles demonstram capacidade de se apropriar da realidade dos fatos do contato em um código cultural que lhes é específico.

Referências

- ALVES, I.M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- BOWERN, CLAIRE. *Linguistic Field Work: A Practical Guide*. Palgrave MacMillan, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília : MEC ; São Paulo : USP/CTI, 2000. 156 p.
- CABRÉ CASTELLVÍ, M. T. C. La clasificación de neologismos: una tarea compleja. *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 229- 250, 2006.
- CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.
- CARVALHO, Nelly et alii. *Criação neológica: teoria e prática*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012. 174p.
- KIBRIK, A.E. *The Methodology of Field Investigation in Linguistics*. Mouton: The Hague, 1977.
- GONÇALVES, Solange. Empréstimos Linguísticos do Português no Kaingang do Rio Grande do Sul. *Estudos Linguísticos XXXVI* (1), 2007, p.258 -267.
- PILLA, E. H. *Neologismos do português e a face social da língua*. Porto Alegre: AGE, 2002.
- RENAULT-LESCURE, Odile. As palavras e as coisas do contato: os neologismos Kali’na (Guiana Francesa). In: ALBERT, Bruce; RITA RAMOS, Alcida (Orgs.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte - amazônico*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.